EM REDOR DE UM LIVRO

Temos sobre a mesa um volume interessante para a historia da independencia americana: «Paginas de historia diplomatica. Os Estados Unidos de America e as republicas hispano-americanas de 1810 a 1830». Desenrola-se nestas negociações diplomaticas a lucta gigantesca da antiga colonia hespanhola empenhada para obter a independencia, lucta que acompanhava os combates de armas, lucta ás vezes maior do que os esforços titanicos feitos nos campos de batalha, porque o numero de inimigos era grande.

O unico paiz que com sympathia contemplava o continente a combater pela sua independencia eram os Estados Unidos. A elles acudiram tambem antes de tudo delegados dos paizes revolucionarios, não sómente a pedir auxilio, mas tambem o reconhecimento dos novos Estados. Columbia, Perú, Chile e Buenos Ayres appareceram em Washington.

O Governo dos Estados Unidos não se appressou em conceder o pedido, bem que o acceitasse com muita sympathia. Apenas tinham conquistado a propria independencia e no anno de 1812 fizeram ainda a guerra contra a Inglaterra, que, naturalmente, estava resentida do passado. Mas toda a Europa estava alerta. Tinham os alliados abatido o Corso e julgavam preparar ao mundo o seculo de ouro, se eliminassem ou combatessem as idéas liberaes que na revolução franceza tinham feito tão tremenda explosão. Não estivesse tão longe a America e, sem demora, a Santa Alliança teria mandado um exercito para reduzir os rebeldes á obediencia costumada.

Se a Republica do Norte oppunha ao pedido de

reconhecer a independencia do Sul a mais fria reserva diplomatica, fez quanto podia fazer para auxiliar a lucta contra os exercitos hespanhóes.

Miranda em 1790 tinha pedido o auxilio da Inglaterra para libertar a sua terra da tutela hespanhola. O tempo era antecipado. A Inglaterra, não julgando avisado dar socios aos Estados Unidos, negou-se. Passada a revolução, aproveitou-se das luctas pela liberdade na Europa para conquistar novos mercados ao seu commercio. Tomara no principio do seculo as colonias européas na Africa e tentára contra Buenos Ayres. A resistencia encontrada levou-a a outros rumos. Vendo que as colonias hespanholas eram capazes de defender-se, entendeu que, mais dia menos dia, haviam de subtrahir-se á tutela da mãe patria e—para não perder o seu proveito,—tomou partido contra a Hespanha. E' verdade que em occasião propria defendia tambem a Hespanha contra as suas colonias, mas só conforme o primeiro principio da politica ingleza—o proveito e o engrandecimento da Inglaterra. «Sua acção exterior quando mais altruista em apparencia e mais benefica na realidade, nunca deixa de ser uma irradiação de seu egoismo». (1)

A velha amizade com Portugal deu-lhe occasião de prestar serviços valiosos á familia real e ao paiz. A recompensa tomou-a nos tratados de commercio de 1810, combatidos pelos ministros, mas comtudo ratificados. Davam lucro immenso á Inglaterra e á sua industria, e manietavam o desenvolvimento agricola e industrial do Brasil. Com muita razão Palmella chama o tratado de 1810 «na forma e na substancia o mais lesivo e o mais desigual que jamais se contrahiu entre duas nações independentes: a começar pelos motivos que immediatamente o determinaram e a findar nas consequencias que nelle se originaram». (2)

---

(1) Paulo Groussac, Santiago de Liniers, p. 17; (2) Oliveira Lima, D. João VI, I, 380. Cf. Dunshee Abranches, Expansão Economica e Commercio Exterior do Brasil, p. 59.

Outro tanto pagou Buenos Ayres á Protecção da Gran Bretanha pelo tratado de 2 de fevereiro de 1825, dando-lhe especiaes favores. Mas a Inglaterra com as suas aspirações exclusivas era necessaria para apressar a independencia das novas republicas. Foi a Inglaterra que instigou sem o querer a declaração de Monroe e, perante este facto, Canning adoptou definitivamente a politica de reconhecer os novos Estados. A Santa Alliança, porem, convenceu-se de que a velha Europa não tinha a força de resistir ao novo mundo que na America se tinha levantado. Chateaubriand, ministro francez, exprimiu esta idea francamente e o ultimo empenho foi ganhar a Canning para a (1) intercessão da Santa Alliança entre a Hespanha e as suas colonias. (2)

Qual foi o papel dos Estados Unidos para com as novas republicas do Sul ? Sigamos o autor nas principaes phases das negociações.

I. AMIZADE

Apenas os patriotas tinham começado o levantamento, dirigiram os seus olhares para os Estados Unidos. Precisavam de armas, munições e navios, precisavam de apoio e quem havia de facilitar tudo isso senão a Republica vizinha ? Em abril de 1810 a Junta Suprema de Caracas mandou os primeiros commissarios a Washington e pelo meiado do anno seguinte partiram tambem os representantes de Nova Granada.

As sympathias todas dos Estados estavam com os republicanos do Sul e vontade de soccorrel-os de todos os modos não faltava. Mostrou-o já o Governo, despachando a Roberto Lowry como agente commercial para estudar as disposições e os recursos do paiz. As suas observações e mais ainda as desgraças dos patriotas adiaram ou antes eliminaram por emquanto a questão da independencia. Aos triumphos das armas de

(1). Charlotte Lady Blennerhasset, Chateaubriand, p. 97.
(2). Urrutia, Paginas. p. 33.

Miranda succederam revezes pesados. No assedio de Valença perdeu 1000 homens. Pouco depois desembarcou em Coro uma expedição hespanhola. O seu chefe destacou sobre Caracas a Domingos Monteverde que, recrutando no caminho os realistas do paiz, derrotou os patriotas a 23 de março de 1812 e tomou-lhes 700 prisioneiros. Um terremoto espantoso, que tres dias depois desta derrota destruiu completamente Caracas, Barquisimeto e outras cidades, matando 20000 habitantes, acabou por abater-lhes o animo. Pouco depois Miranda viu-se obrigado a capitular sob a condição de sahir do paiz quem quizesse. Mas acharam credito boatos sinistros de ter se vendido Miranda aos realistas. O infeliz general findou numa masmorra de Hespanha.

O sonho da independencia parecia estar no fim. Os factos confirmaram os relatorios do agente americano. O embaixador hespanhol em Washington auxiliou valiosamente, oppondo-se a qualquer movimento dos representantes coloniaes, perante o Governo e impedindo até a compra de armas. Prevendo o desejo dos patriotas de comprar armas, occupára as fabricas do paiz por muito tempo com uma grande encommenda de armas destinadas, conforme elle espalhava, a armar os muitos realistas na colonia rebelde.

Nestas circumstancias não foi estranho que o Secretario de Estado, J. Monroe, transmittisse ao agente de Nova Granada a seguinte resposta :

«Senhor :

Estando os Estados Unidos em paz com a Hespanha, não podem dar passo algum referente ás differenças entre as varias secções da monarchia hespanhola que poderia ter o caracter de comprometter a neutralidade. Ao mesmo tempo convem observar que, como habitantes do mesmo hemispherio, o Governo e o povo dos Estados Unidos tomão o mais vivo interesse na prosperidade e no bem estar de seus vizinhos da

America do Sul e se regozijão com tudo que augmenta a sua felicidade». (1)

II. AMIZADE E IMPERIALISMO

Se por estes inicios bôas relações estavam travadas entre os Estados Unidos e as republicas libertadas por Bolivar, as outras colonias acudiram tambem a procurar a amizade da irmã primogenita. Buenos Ayres e Chile se apresentaram como paizes independentes e até Artigas escreve ao presidente que espera poder apresentar-se um dia como chefe de um povo independente. O futuro pesava sobre o Chefe dos Orientaes no acampamento de Purificación e parece quasi que a sua esperança de vencer era reduzida a um gráu infimo. A carta é a seguinte: «Tive a honra de visitar pela primeira vez ao Sr. Dom Thomas Jorge Halgey, Consul dos Estados Unidos nestas provincias. Congratulo-me por tão feliz acontecimento. Offereci-lhe os meus respeitos e todos os meus serviços, e aproveito tão bella opportunidade para dirigir a V. E. os meus mais cordiaes affectos.

Contrariado sempre pelos varios successos da revolução, nunca pude cumprir até agora este dever. Rogo a V. E. queira acceital-os; hoje que tenho a honra de offertar a sinceridade com que pretendo o bem da patria e o maior esplendor da republica. Para a sustentar, são empenhados todos os meus esforços e os sacrificios de milhares de cidadãos.

O Ceu proteja os nossos votos.

Nesse dia dirigirei a V. E. com maior ardor a cordialidade dos meus affectos e toda a consideração com que tenho a honra de ser.

Exmo. Sr, de V. E. mais attento Venerador e seguro Servidor

Q. S. M. B.

Artigas». (1)

---

(1). L. c. p. 51-2.

O infeliz caudilho succumbiu ás armas dos adversarios. Mas nas outras republicas operou-se nestes annos uma mudança radical. Bolivar tinha desferido duros golpes aos exercitos realistas e, ainda que as luctas não estivessem findas, julgou necessario levar adiante as negociações para o reconhecimento das novas republicas. A 22 de julho de 1818 nomeou em Angostura ao general Lino de Clemente Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Venezuela nos Estados Unidos

Em Venezuela tinha apparecido um Agente Especial de Washington, que começára a sua actividade politica referindo ao seu governo que os motivos de demorar o reconhecimento da independencia já se esvaeceram. Começou, portanto, Clemente a sua missão sob auspicios muito lisongeiros.

Acontecimentos imprevistos, porém, haviam de destruir mais uma vez as esperanças dos patriotas. Os Estados Unidos tinham adquirido a Luziania e todo o Far West estava-lhes aberto, capaz de abrigar muitos milhões de homens. A posse de tamanhas terras inspirou a vontade de ter os cotovellos livres para todos os lados, acirrando ao mesmo tempo a cubiça. Começaram os americanos a sujeição dos indios da Florida e a conquista da peninsula occupada pela Hespanha.

Estavam em frente dos patriotas do sul, que tinham preparado mais de uma expedição contra os realistas na ilha Amelia a leste de Florida. Estabelecendo-se em Florida com a intenção clara de ficar, julgaram ter direito á vizinha ilha e, desprezando o direito da occupação por parte dos patriotas, tomaram posse da ilha.

«Este procedimento, por parte da republica federal, estava bem longe de harmonisar-se com os principios de equidade simbolisados na sua Constituição; por isso o general Jackson foi muito censurado por

todos quantos antepunham ao direito da força a força do direito, como se diz em phrase diplomatica. Entretanto o facto agradou ao egoismo nacional, que desejava alargar as fronteiras do paiz». (1)

O direito dos patriotas do continente austral era evidente e bem que os seus representantes na republica do norte fossem pedintes, tiveram o animo de levantar um energico protesto. Uniram-se neste protesto os representantes de Venezuela, Nova Granada, Mexico e Buenos Ayres, que ao mesmo tempo davam ordem ao commando militar de occupar Amelia em nome dos patriotas sulamericanos.

Clemente expoz verdades duras sobre a questão da força e do direito, refutando de antemão todas as objecções a que os americanos poderiam recorrer: era e ficava uma violação clamorosa do direito, justificada só pela força. Quer a restituição de todos os prejuizos feitos nas propriedades, a entrega de todos os navios capturados e a indemnisação de todos os damnos infligidos pela occupação aos patriotas.

Lino Clemente havia de sentir depressa que a força dispõe ainda de outros meios. Mudando-se de Philadelphia para Washington, para entregar as suas credenciaes, o Governo lhe declarou que não podia tratar com elle por consideral-o inimigo da Administração e por julgar incorrecto o seu proceder a respeito da occupação da ilha. Pedindo uma entrevista com o Secretario de Estado Adams, teve como resposta que, achando-se o nome de Clemente assignado numa communicação em que se commissionava um official extrangeiro para uma expedição violadora das leis dos Estados Unidos e num papel injurioso para o Governo deste paiz, não podia entender-se com elle nem acceitar communicação». (2)

---

(1). A. da Cunha Pereira de Sotto Major, Os Estados Unidos. II, 307.

(2). Urrutia, p. 75–6.

Confiado na justiça da sua causa, fez Clemente varias tentativas para obter resposta mais equitativa ás reclamações dos patriotas, mas já tinha ouvido a ultima palavra da politica imperialista dos Estados. O collega de Clemente, Vicente Pasos, que chegou ao menos a ser ouvido do Governo de Washington, recebeu a mesma resposta definitiva a respeito das reclamações. Adams lhe escreveu: "O memorial de V. dirigido ao Presidente dos Estados Unidos e os papeis que o acompanham foram-lhe apresentados. O Presidente encarregou-me de informar a V. que publicou os seus documentos no Congresso, ao iniciar a sua sessão actual, e em sua Mensagem de 13 de janeiro ultimo. O Presidente deu toda a attenção a estes documentos e, não encontrando nelles nenhuma razão que mude o caracter das transacções de Amelia, não pode alterar nenhuma das medidas a respeito daquella praça. Não restando mais nada para contestar, sou, Senhor, o mais humilde servidor de V.

John Quincy Adams». (1)

Bolivar como o vicepresidente de Venezuela estavam em grandes apuros. As medidas aconselhadas pelo agente compromettido prejudicariam a guerra contra os realistas, para nem falar da independencia. Irvine, o agente americano em Venezuela, explicou e justificou o proceder de seu governo, protestando ao mesmo tempo os mais sinceros desejos dos Estados de ver realisada a independencia da novel republica e offerecendo os officios de amizade, harmonia e boa intelligencia.

Era isto que estava na dianteira dos interesses de todos e do paiz. Retirando-se Clemente dos Estados, deixou como representante de seu paiz a Manuel Torres. A Hespanha negociou com o Governo de Washington a respeito de Florida. Não tinha a força de vencer as suas colonias rebeldes o como poderia pensar em vencer

(1) L. c. p. 113—4.

as armas da grande republica? Esta pagou á Hespanha a quantia de 5000000 de dollars, em que ella avaliava os prejuizos causados ao seu commercio, reconhecendo implicitamente a injustiça da occupação.

III. MONROE

Pedro Gual, Secretario de Relações Exteriores de Colombia, escreve no seu relatorio dirigido ao Congresso de 1823: «O povo dos Estados Unidos, embora de origem diversa daquella do resto dos habitantes deste Continente, sentiu desde o principio da presente guerra a sympathia que era natural e que necessariamente deviam inspirar a vizinhança e a analogia das circumstancias.

Os novos estados americanos quizeram aproveitar estas boas disposições dirigindo-se ao seu Governo; mas nossos esforços foram infructuosos até 1822, em que os Estados Unidos reconheceram formalmente nossa independeneia. Este resultado é devido em grande parte á habilidade e destreza, com que o Sr. Manuel Torres, nosso encarregado de negocios em Washington, fez resaltar nossos direitos a esse reconhecimento. A morte deste illustre patriota e estadista, occorrida a 14 de Julho do mesmo anno, interrompeu as relações que deviam estabelecer-se entre um e outro paiz em consequencia de tão franca e justa declaração». (1)

Esmiucemos a missão de tanta monta, confiada a M. Torres. Era ao mesmo tempo de ordem diplomatica, militar e financeira. Devia antes de tudo arrumar 30000 fusis. Mas tanto o Presidente como o Secretario de Estado viam na entrega de armas uma violação da neutralidade e negaram-se a acceder ao pedido.

E' interessante este modo de ver a neutralidade que não era o mesmo em todas as occasiões. O Governo de Washington concedia, porém, que particulares

(1) L. c. p. 135.

fornecessem tanto viveres como munições de guerra. As instrucções de M. Torres falam de um contracto feito com o representante dos Estados Unidos em Colombia. (1)

A tarefa principal do embaixador era a negociação diplomatica. As suas instrucções recommendavam-lhe: «Tratando do reconhecimento da independencia de Venezuela, não se devem exigir reconhecimentos nominaes, mas sim, negociações, tratados e outros factos que constituam um ascenso effectivo á emancipação, sem carregar, se fôr possivel, na palavra reconhecer ou reconhecimento. Estão bem determinados na praxe das nações os actos pelos quaes são reconhecidos os novos governos ou estados independentes sem necessidade de formulas nem palavras em que tenham lugar as expressões de reconhecer e reconhecimento». (2)

A correspondencia de Torres manifesta com que actividade elle procedeu para alcançar o fim desejado, aproveitando todas as occasiões favoraveis. Em principios de fevereiro de 1820 communicaram-lhe a união de Nova Granada e Venezuela. Logo escreveu um memorial ao Secretario de Estado, em que expunha os progressos da revolução. Diz: «O povo da America do Sul que tem mantido sua revolução durante dez annos contra os esforços do governo hespanhol e seus alliados—as testas coroadas da Europa—sem o minimo auxilio de nenhum poder extrangeiro, conhece já perfeitamente a extensão dos seus recursos e meios de defeza e está bem contente de não existir poder no mundo, qualquer que seja, competente para mudar o destino da America do Sul, de independencia e liberdade á dependencia e escravidão. Concluirei estas observações fazendo presente a V. E., com toda a sinceridade, que os recursos do meu Governo a esta hora são adequados e competentes para cumprir com pontualidade todos os contractos e obrigações, que eu subscreva em seu nome». (3)

---

(1). p. 144. (2). L, c. p. 142. (3). p. 158.

A resposta do Secretario negou ainda o fornecimento de armas por parte do Governo, mas todo o teor da resposta indica que a idéa de reconhecer o novo estado está andando. Entretanto Torres estava agindo. No despacho de 26 de dezembro de 1820 a Colombia escreve que nas duas ultimas conferencias com o Secretario propoz mais uma vez o pedido de munições, armas e vestuario para abreviar a guerra; propoz um tratado de amizade, commercio e navegação ou um tratado de alliança puramente defensiva com o objectivo de festejar a independencia da America do Sul e de estancar o derramamento de sangue. Explicou os progressos que a agricultura e a mineração haviam de fazer em ambos os paizes com o fim da guerra (1). Neste mesmo despacho vemos como as sympathias dos Estados Unidos eram influenciadas pelos lucros commerciaes. O Secretario interrompeu as bellas propostas de Torres com a observação de que a Colombia tinha comprado fusis na Inglaterra. Torres respondeu que não tinha nenhum conhecimento de tal compra, mas affirmou que em Angostura não tinham sido desembarcados fusis a não ser dos Estados Unidos. (2)

Auxiliar valente achou Torres no Congresso dos Estados Unidos. Henrique Clay desde 1817 luctára pela independencia da America do Sul. Informou os seus patricios a respeito do Sul e refutou as objecções correntes. Em 1818 chegou a dizer que a questão da independencia da America hespanhola, para a politica exterior dos Estados Unidos, era a mais importante de todas que até aquella data foram discutidas naquella casa e que para o futuro não era capaz de excogitar outra de egual monta (3). A 11 de março de 1820 exclamou: «Está agora ao nosso alcance crear um systema do qual seriamos o centro e que faria agir toda a America de concerto comnosco. Quanto ao commercio,

(1). L. c. p. 173. (2). p. 175 (3). The World's famous orations. IX, 83.

seriamos os mais beneficiados. Devemos constituir o ponto concentrico da sabedoria humana contra o despotismo do velho mundo. «Apezar de nossa frieza com elles, não havia a menor duvida de que, se nosso Governo quizera tomar empenho em reconhecer a sua independencia, «aquelles povos imitariam as nossas instituições e procurarião para si mesmos e para sua posteridade egual liberdade á que nós desfructamos.

A opinião dos amigos da liberdade na Europa é que a politica dos Estados Unidos se demonstra fria, insensivel e indifferente para com a causa mais nobre que poderia attrahir nossas sympathias e nossa acção em seu favor. Não queria que justificassemos por mais tempo esta impressão. Queria destruir as desconfianças politicas e commerciaes, que dividiram por largo tempo o Novo Mundo. Sejamos real e verdadeiramente americanos e colloquemo-nos á frente de um novo systema americano». (1)

Os acontecimentos auxiliaram poderosamente sua agitação. Os exercitos dos patriotas continuaram vencedores. A expedição hespanhola destinada á reconquista rebellára-se e estava desfeita. Em fevereiro de 1821 Clay apresentou ao Congresso uma resolução em que se declarava o interese da Camara pelo exito da lucta das colonias do Sul, requerendo a mais o apoio da Constituição para o Presidente no caso de julgar elle opportuno reconhecer a soberania e independencia de algum daquelles povos. (2)

A cautela de Monroe era legitima no chefe de um paiz, que devia poupar os melindres de Hespanha, principalmente durante a negociação a respeito da Florida. Adams escreve nas suas Memorias que pretendia obter a cooperação da Inglaterra. De facto tinha proposto á Gran-Bretanha o reconhecimento simultaneo das novas republicas. A Inglaterra não sómente

(1). L. c. p. 234. (2). p. 235.

recusou a proposta, mas communicou-a á corte hespanhola. A consequencia foi um protelamento do tratado sobre a Florida, tendo a Hespanha exigido como condição que os Estados Unidos não iniciariam relações nem politicas nem commerciaes com os estados da America do Sul. (1)

Em todo o caso Monroe devia ter atraz de si a opinião nacional. Como desta estava seguro, approvadas no parlamento as moções Clay, expoz na Mensagem de 8 de março de 1822 as suas opiniões e apontou á attenção dos representantes o assumpto da independencia dos novos estados americanos. Descreve neste celebre documento a lucta dos patriotas e a proclamação da independencia em todas as provincias. «A Hespanha, faz trés annos, não mandou um soldado, nem mandará no futuro». Logo é manifesto que todas estas provincias estão em pleno goso de sua independencia, e outro tanto evidente que, tendo em conta o estado de guerra e outras circumstancias, não ha nem a remota possibilidade de que possam ser privados dessa independencia.

Em taes circumstancias os novos governos têm o direito de ser reconhecidos como taes, bem que as partes que estão em lucta não tenham o mesmo sentimento. A Hespanha pode avaliar o respeito que os Estados Unidos têm dos direitos della, pela demora deste reconhecimento. Depois de tanta espera, julga não poder espaçar mais o reconhecimento da independencia e julga que tambem a Hespanha ha de chegar a reconciliar-se com as suas antigas colonias sobre a base de sua absoluta independencia. Queriam os Estados proceder de accôrdo com outras potencias, «mas entendemos que não estavam preparadas para este acto». (2)

O embaixador hespanhol protestou já no dia seguinte e recebeu a 6 de abril uma resposta bem deliberada que deixava as cousas no pé em que estavam,

(1). p. 241. (2). p. 280.

exprimindo a esperança que todos os governos da Europa hão de concorrer no reconhecimento dessa independencia e até «que a Hespanha conhecerá que nada contribuirá mais efficazmente para sua felicidade e bem-estar do que esse reconhecimento». (1)

Manuel Torres viu recompensada a sua actividade. Poucos dias depois o Secretario de Estado communicou-lhe que o Presidente Monroe tinha resolvido recebel-o com o caracter de Encarregado de Negocios da Republica de Colombia. Mas Torres estava muito doente e só no mez seguinte pôde fazer a viagem de Philadelphia a Washington. A 18 de junho annunciou a Adams a sua chegada á capital, exprimindo o seu desejo de já fazer uma visita ao Departamento do Estado. No dia seguinte Adams o apresentou a Monroe. Foi a ultima alegria do grande patriota, que em menos de um mez falleceu.

Monroe conheceu depressa que a velha Europa não havia de mudar a politica americana. Por mais empenhos que fizesse a Hespanha, como não tinha o poder correspondente, não alcançou nada. Em Colombia receiaram ainda no anno seguinte uma cruzada das potencias europeas para abafar a revolução tambem no novo mundo, (2) mas a Inglaterra, julgada fautora de tal plano, seria a ultima a concedel-a.

Pelos fins do anno de 1823 Monroe pôde publicar a sua doutrina sem achar opposição, nem nos Estados Unidos, nem na Europa. «Os sentimentos americanos, annunciou elle ao mundo a 2 de dezembro, **pela attitude** livre e independente que tomaram e **sustentam, já não** podem ser considerados por qualquer **potencia europea** como terra de colonisação. Nunca temos tomado parte nas guerras que as potencias europeas fizeram por causa de questões concernentes a ellas e não é nossa politica

(1) p. 257. (2) p. 282.

o fazer. Não interviemos nem interviremos nas colonias ou dependencias actuaes duma potencia europea. Mas nos estados que tem proclamado e sustentado a sua independencia, reconhecida por nós após madura consideração e conforme os principios da justiça, consideraremos qualquer intervenção de uma potencia europea, seja para opprimil-os, seja para fiscalizar de qualquer modo seu destino, como manifestação hostil contra os Estados Unidos. (1)

IV. UM SECULO DE MONROE

A Doutrina de Monroe constituiu um poderoso auxilio para os Estados do Sul, que luctavam ainda pela independencia. As ultimas velleidades da Santa Alliança de fazer reviver na America os principios de Metternich, esmoreceram diante da ameaça pronunciada pela republica do Norte. Como foi, portanto, que a politica de Monroe ainda não foi geralmente acceita na America?

Desde o principio a doutrina deixou transpirar um gráu de ciume que fez desconfiar os povos novos infinitivamente menos poderosos que os Estados Unidos. Inicios de imperialismo já se levantaram nos tempos em que a America luctava para se fazer independente. A doutrina «na essencia é sempre a mesma, feita de ciume e de ambição, porem indispensavel quando surgiu, e fatal no seu presente aspecto. Foi, no seu inicio, defensiva, e, pela continuação, passou, naturalmente, a offensiva, como acontece quando se ganham forças para alcançar o que se cobiça. No seu ultimo revestimento adaptou-se a doutrina ao pendor imperialista, que, na actualidade, é francamente predominante». (2)

O primeiro effeito da doutrina, a defeza do continente contra ataques europeus, nem sempre esteve garantido. Os exemplos estão registrados no livro de Eduar-

(1). Paul Fevel. Histoire politique du 19 siècle. I, 144.
(2). Oliveira Lima, Pan-Americanismo, p.47.

do Prado, até hoje não refutados e irrefutaveis. Outras vezes os Estados Unidos deram á palavra protecção um sentido, que estrangulava a independencia do protegido.

Muitos dos povos americanos tem diante dos olhos estes exemplos pouco animadores e não querem acceitar o convite, que sempre de novo os quer unir no grande bloco americano. Nos acontecimentos dos ultimos annos os empenhos de unir todos os povos americanos na sequela dos Estados Unidos foram activos como nunca antes. Estava em jogo a liberdade do mundo, mas nem assim os povos todos se deixaram arrastar. Dos mais poderosos ficaram de lado, deixando a grande republica combater pela liberdade do mundo e salvando a sua propria liberdade.

Na introducção da «Nova Liberdade» de Woodrow Wilson lemos :

«Ha 130 annos, a America pretendeu fundar a liberdade.

Ora, hoje, 130 annos depois, ella se acha recahida na escravidão, de sorte que hoje não ha que fazer senão recomeçar o mesmo esforço que se fez, ha 100 annos, para reconquistar a liberdade perdida.

E' esta a affirmação de Wilson» (1).

O sabio professor, entretanto presidente dos Estados Unidos, expõe em seu livro o mal e ao mesmo tempo os remedios para rehaver a liberdade perdida.

A Constituição de 1789 por medo do despotismo duma anonyma collectividade como p. e. o parlamento, deu ao presidente direitos quasi reaes : o presidente é eleito directamente pela nação e não pelo Congresso; governa com ministros eleitos por elle e dependentes unicamente delle.

Esta posição constitucional mudou-se completamente no correr do seculo. Os ministros, de empregados do presidente, se tornaram quasi seus iguaes. E

(1). La Nouvelle liberté. Paris, 1913, p. 9.

aos poucos o Congresso subordinou-se a ministros e presidente.

Esta revolução subterranea não é de per si a peior. Mais perigoso é o modo como a soberania das duas casas do Congresso se põe em exercicio.

O povo americano cresceu de 5 a 100 milhões de habitantes em terras tão ferteis que podiam sustentar um bilhão. Com a povoação, pouco densa em proporção ás riquezas do solo e do subsolo, tornou-se a America o paiz das fortunas fabulosas, dos millionarios, como tambem a terra das associações, dos syndicatos, dos monopolios e dos trusts.

Aos poucos foram monopolisadas as minas, as forças hydraulicas creadoras da electricidade, os bancos.

Aos poucos se formou uma concentração formidavel de riquezas em numero muito restringido de mãos

Levantou-se a oligarchia dos novos reis,—reis de carvão,—reis de ferro e de aço,—reis de trigo e de kerozene,—reis das estradas de ferro e de credito. Estes reis sujeitaram o Congresso—não franca e abertamente, mas por meio de um agente—o boss—engenhoso e audacioso do qual Wilson diz expressamente: «Uma das peiores feições do boss é o seu trabalho secreto. Gostaria muito mais de viver debaixo de um rei que eu conhecesse do que debaixo de um boss que não conheço. O boss é um senhor muito mais formidavel que um rei, pois este é um senhor bem em vista, emquanto se encontra a mão daquelle onde a gente menos a espera encontrar». (1)

As commissões do Congresso elaboram as leis e o boss, armado pela omnipotencia do ouro, lhes dirige as pennas e as vontades.

Wilson, ao encetar a presidencia, teve a vontade de reconquistar a liberdade. Vencerá ao boss? Nos ultimos annos até cegos podiam ver que a guerra era um negocio muito lucrativo para todos aquelles que eram

(1). L. c. p. 13.

capazes de fornecer aquillo de que precisavam os belligerantes, não somente para viver, mais ainda para matar. Acabar com a guerra quanto antes era o interesse da humanidade e da liberdade; ao boss só importava prolongal-a até se consumirem as provisões de seus patrões,

O crescer rapido da população como o da riqueza envolveram perigos, pois a natureza humana é sempre a mesma. Mas emquanto continuasse a Constituição de Washington e o espirito dos fundadores da grande republica, não seria possivel semelhante desvio. A celebre obra de Tocqueville não fala deste desenvolvimento que de facto a tão louvada republica tem tomado. Parte, sem duvida, por não julgar possivel a mudança do antigo caracter nacional, mas em parte tambem, porque o evoluir da republica excedeu qualquer previsão e calculo humano.

Mas os principios transcendentaes da vida humana, liberdade e progresso do povo não ganharam com este evoluir. Quanto poder o ouro tem, foi mais uma vez manifesto pela historia da republica. A liberdade, que Washington deu ao povo americano, recusa com horror o dominio brutal proclamado na nota dos Estados Unidos em 1895, por occasião do regulamento de fronteiras entre Venezuela e Inglaterra. O Secretario de Estado declarou : «Os Estados da America do Sul, como os do Norte, por proximidade geographica, sympathia natural e semelhança de Constituições, são amigos e alliados commerciaes e politicos dos Estados Unidos. Hoje, os Estados Unidos são, de facto, supremos neste Continente e sua sentença tem força de lei nas materias a que restringem a sua intervenção... Ha, portanto, uma doutrina de direito publico americano, bem fundada no seu principio e plenamente sanccionada por antecedentes que dá aos Estados Unidos o direito e o dever de tratar como uma injuria cada acto pelo qual uma potencia europea exercesse por força uma fiscalisação politica sobre um estado americano». (1)

(1). F. Rooz, L'énergie américaine. Paris, 1914. p. 257-8.

E os principios democraticos? Os povos americanos se sujeitam a leis impostas pela republica do norte? E' uma das erupções de machinações subterraneas, escondidas, manejos do boss. Seguiram outras com signaes mais visiveis de manejos inconfessados e inconfessaveis e que terminaram com annexações de terras e povos.

Em lugar da democracia sentou-se no throno a plutocracia, o peior tyranno que pode haver, porque a distancia que ha entre o homem e o dollar é muito maior do que a que ha de homem a escravo. E' sorte ruim ser escravo de um homem, mas este homem, ás vezes ao menos, tem sentimentos humanos e o escravo toma parte destes bons sentimentos. O dollar não é capaz de sentimentos humanos; o duro metal não conheee nem fome nem frio, nem cansaço, nem dor; o dollar passeia insensivei por sobre milhares de cadaveres humanos só para achar collocação, que lhe prometta alguns dinheiros mais de rendas.

Olhae para os paizes da America em que o dollar se estabeleceu emprestado: onde ficou a soberania, a liberdade, a democracia? O povo, só muito estragado e decadente, consente em negociatas perigosas que empenham a honra de um paiz para fazer um melhoramento que por ora ultrapassa os rendimentos do paiz. Mas o boss que com o ouro acha cumplices e auxiliares, alcança-o, escondido nas algibeiras de politicos que não representam mas vendem o povo. (Nota: o boss não existe somente na grande republica do norte).

Durante a guerra fez-se a conferencia financeira de Washington. Os Estados Unidos attribuem ao factor economico primaria importancia nos projectos da unificação. Capitaes immensos entraram na America do Sul destinados a remir da sua transitoria mediocridade as republicas «fraternaes». E' o boss que excogitou a medida? A liberalidade despertou duvidas. O povo diz: negocio negocio, amizade á parte.

As duvidas justificam-se facilmente. «Em vez da acção de diversos poderes financeiros, inglezes, allemães, belgas, francezes, um só formidavel agente que concen-

tre riquezas e credito e associe definitivamente as republicas devedoras contra as ambições da Europa, contra sua propria misereia fiscal e contra a actual limitação de seus productos». (1)

Não será um monopolio peior do que os forjados pelas metropoles das colonias? E' o aspecto egoista da doutrina de Monroe e, o que é peior, é talvez trama do boss que, anonymo, não precisa importar-se com a honra do seu paiz e muito menos ainda com a felicidade de outros. Mais de uma vez foi assumpto de negociações diplomaticas o desfecho destes emprestimos, caso o devedor seja pagador remisso. Os Estados do Sul queriam neste caso a arbitragem, mas a Republica do Norte dá o «grande passo atraz» de admittir a guerra como ultima ratio contra taes devedores. (2)

E' o boss apoiado na poderosa esquadra e nos valentes canhões do irmão mais velho. Já inspirou a mais de uma republica serios receios que hão de crescer na proporção de se conhecerem mais a miud e as medidas escondidas ainda por causa do segredo da guerra.

Parece-nos que a união do continente americano está mais longe de sua realisação do que nos tempos de Monroe. Wilson pela guerra foi impedido de fazer a guerra ao boss. Concluida a paz, ha de atirar-se com todas as forças contra este inimigo, tão bem conhecido por elle que chegou a dizer: «Estivemos em caminho de fazer bancarota—uma tragica bancarota». (3)

J. B. Hafkemeyer S. J.

(1). Revista americana. Maio 1917. p. 76. (2). Oliveira Lima. (3). La Nouvelle Liberté, p. 15.